

**PEDRO
BLOCH**
entrevista

CAYMMI **a bahia** **e o mar**



Papai tocava vários instrumentos e compunha. Foi com ele que aprendi a tocar violão. Perdi um irmão (Deraldo) e tenho duas irmãs. De papai lembro a ternura com que nos criou. ("Ficou muito comovido quando virei praça. A Praça Dorival Caymmi fica nas proximidades do aeroporto, um lugar que era de pescadores e onde se apanhava muita baleia. Pancetti fez desenterrar ali muito osso de baleia para pintar em cima. Dizia que era ótimo. Ainda

roubado, ao voltar do mar. Do namôro ao casamento dura tão pouco! Se a gente comparar o tempo que aquela criança foi crescendo, até atingir os 19 anos, com o tempo em que a gente a perde! Desliga da gente... Mas meu sonho é um dia reunir a família toda junta num apartamento enorme."

CAYMMI É PRAÇA — Hoje Dorival Caymmi é praça na cidade do Salvador, ali em Itapoã. ("Meu bisavô é italiano e Caymmi não devia ter nem ipilone nem dois mm, mas certidão errada daqui, Dorival com W ali e acabei com este nome que cada um escreve como quer.")

O povo tem tido as manifestações mais carinhosas por este Caymmi que, Neruda explicou, "leva a saudade da Bahia por todo o céu do Brasil".

É Jorge Amado quem diz: "— Não sei de artista mais importante que Caymmi entre os artistas que escrevem, pintam, esculpem ou compõem. Sinto a obra de Caymmi como irmã da minha. Na música de Caymmi está o manancial riquíssimo da vida do povo baiano, dos seus negros e dos seus pescadores. Pouco importa onde ele anda ou o que faça. A Bahia está sempre com ele. Acontece que ele é a Bahia."

TERNURA — Os olhos úmidos do cantor dos pescadores, das Iemanjás e dos saveiros refletem mar e harmonia interior. Comove-se até às lágrimas quando ouve, ainda hoje, alguém assobiando melodia sua ("Vou olhar a cara do sujeito de perto, ver o seu jeito. Imagine! Minha música brotando ali!"). Os episódios humaníssimos se sucedem.

— "Recentemente, no Mercado das Flores, aqui no Rio, eu vinha passando com minha mulher e um vendedor tirou três cravos e me deu sem uma palavra. Eu me senti na obrigação de andar pela cidade toda com aqueles cravos vermelhos na mão."

— "Um fato que me tocou fundo. Fui à Bahia em abril. Um dia, no Mercado Modelo, fui cercado pelo povo que me acarinhava com palavras boas. De repente, um bêbado, de cachaça na mão, pronto a espremer meio limão dentro dela, entregou-o arrebataado, bradando em pranto: "Leve pra você, Caymmi. Pra botar na sua cachaça." Você já calculou a renúncia de um bêbado na hora de botar o limão no copo? Gesto lindo!"

Um caboclo do Norte, reconhecendo Caymmi, aproxima-se dele, emocionado: "Dorival, você não calcula como sou grato a você. Imagine que minha mãe, muito velhinha, quando ouve sua música fica doida, se emociona, chora. Você, precisando de mim, disponha. Estou chorando só de lhe ver. Mas não pense que sou um frouxo. Sou não. Sou homem como trinta. Precisando..." E para demonstrar sua virilidade, o caboclo mete um sóco na cara de um gigante que vai passando e que não tem nada com a história. "Viu?"

CAYMMI COMEÇA — "Nasci numa rua de Salvador, no distrito da Palma, a 30 de abril de 1914. Sou filho de Durval Henrique Caymmi, hoje funcionário público aposentado e de Dona Aurelina Cândida, que morreu em 44.

tenho alguns que ele me deu.") Minha infância foi sem novidade, normal, com fins-de-semana passados no rio Vermelho e outros lugares. Papai gostava de arejar a família. Terminei o curso primário aos treze anos. Daí em diante tive uma grande ânsia de ser um homem só, livre, particular. A música popular, aí, começou a tomar conta de mim. Papai não dizia nada, mas, quando me viu tocando violão, observou: — "Imagine. Ensinei a este menino um lá menor e ele já toca tudo isso." A gente não dizia um pro outro o que sentia, mas se entendia demais."

— O compositor começou lento. Comecei batendo letras minhas em emboladas que ouvira de Almirante. Aos dezessete anos compus uma música de saudade, ciúme, sertão. Mas só senti gosto de acarajé na música, quando uma vez vi o povo alucinado num carnaval em Salvador, um mundo de gente cantando e dançando em torno de um coreto na Baixa do Sapateiro. Os festejos de Santa Bárbara, no Mercado da Baixa, a 4 de dezembro, também me marcaram. Sou católico, mas sempre apreciei a religião negra, sobretudo sua seriedade. Comoblé me empolga tremendamente. (De passagem, me diz Caymmi que seus pratos preferidos são xinxim de galinha e vatapá.)

AMOR — "Conheci minha mulher quando ela cantava na Rádio Nacional, com o pseudônimo de Stela Maris. Era um programa de calouros ("Em Busca de Talentos") e quando ela surgiu, eu disse comigo (estava no auditório fazendo hora): "Aposto que ela vai cantar uma canção italiana, um trecho lírico." Errei. Cantou foi Noel Rosa. ("Nosso amor que eu não esqueço...") Pois bem. Eu, também, não esqueci. Não me aproximei dela, então. Mais tarde, na discoteca da Nacional do Haroldo Barbosa, ela apareceu para ouvir uma gravação e fomos apresentados. Ela já era estrela da Mayrink. Eu a pedi em casamento no Natal. Casamos um mês depois."

— "Eu gostava de compor andando pela cidade vazia. A noite e o vazio me enchem a alma. Eu passava pelo cais, pela Praça Mauá, pela Praça 15, e navio ancorado parecia saveiro e o mar da Guanabara parecia Salvador. Esses lugares me tocam muito. Quando quero consertar certas coisas do espírito, certos parafusos deslocados, ando por ali, à noite."

— "Minha mulher é completamente descontraída, extrovertida, diz bem o que sente, com enorme naturalidade, não rebusca, nem examina. Sempre respeitei a opinião que ela faz das pessoas. Somos um casal que tem todos os truques: nós brigamos, nós nos gostamos, sentimos afinidade, nos juntamos para defender as pessoas amigas, os nossos dependentes, as nossas coisinhas, o nosso cinzeiro, o nosso afeto, sobretudo. O nosso amor nunca foi declarado, assim ao vivo, de um para o outro, mas ele é muito defendido por nós igualmente. De vez em quando nos surpreendemos, em flagrante, amando-nos com o olhar."

— "Temos três filhos: Nana (que casou com um médico venezuelano e já me deu uma neta: Stela Teresa), Dori (que estuda música) e este pequeno de quinze anos, Danilo, que é filho de uma promessa que fizemos quando Nana estava muito doente."

A ternura de Caymmi sofre com a distância da filha:

— "Nunca pensei que isto me acontecesse: ela viver tão longe de mim. O que aconteceu comigo foi como quem vê seu calção de banho

Stela me explica: "Deram o nome à neta em minha homenagem. O engraçado é que não me chamo Stela. Por causa de um caso de papai, um estróina, e que gostava de uma Adelaide, registrou o meu nome como Adelaide. Deu-se o bode. Mãe me chamou de Stela e parte da família a acompanhou. A outra metade continuou a me tratar de Adelaide. Quando Dorival, sem mais nem menos, se viu avô, foi uma dessas coisas de gritar. Mudou em tudo. Foi um extravasar de ternura de todas as maneiras. Você sabe que pra baiano tudo é pretexto pra beber. E que melhor pretexto que uma neta, Seu Pedro Bloch? Quando Nana voltou pra Venezuela, Dorival queria bater em todo mundo, deu crise de raiva, xingou, praguejou, sofreu, foi o diabo! Das músicas dele gosto muito da "Prêta do Acarajé" e de "Acontece que eu Sou Baiano", que sinto dedicado a mim. É que acontece que eu sou mineira. Quando brigo com Dorival, mando logo as fichas: grito que sou parenta do Drummond, do Ari Barroso, só gente de muito nome que é pra ele se danar mesmo comigo. Mas tudo é briga de circunstância. Nós nos queremos demais. A briga é "só pra mudar de assunto". O Caymmi é muito difícil de penetrar. Sou casada há vinte e tantos anos. Conheço o marido fabuloso, o pai extraordinário. Mas o artista... não. Ele é como gato. Gosta de estar em casa, arrumando objetos e a família. É difícil empurrá-lo pra rua."

PINTURA — Caymmi está pintando muito. Prepara uma exposição:

— Desde pequeno que eu desenho. Augusto Rodrigues fez o resto. Me abriu os olhos para a arte. Aprendi a ver. Comecei vendo-o trabalhar, quando seu vizinho na Rua das Marrecas. Vem sempre aquele dia de comprar tinta. É coisa que dá em todo mundo. Você sai, como quem não quer nada, compra uma tela, tintas, pra ver como faz e, em geral, sai bem. Não é verdade que a pintura esteja prejudicando o compositor. Stela e o Jorge Amado até andaram preocupados algum tempo: "O Caymmi deu pra isso. Em vez de fazer música, fica em casa pintando." Mas é durante a pintura, durante essa evasão, que me surge a melhor inspiração. "Maracangalha" saiu pintando ("Aliás, esta é a pior das composições do Dorival", opina Stela. "Deu dinheiro, mas eu não gosto").

— "Maracangalha" nasceu do fato de um amigo meu de infância, um dia, me ter dito: "Amanhã não posso ver você. Vou pra Maracangalha fechar um negócio." "Aquilo ainda existe?!" — me espantei. Pintando, aquilo foi surgindo e a música brotou todinha."

VIAGEM PRO RIO — "Vim pro Rio num impulso. Ganhei concurso pra Coletoria, em Salvador, mas não fui nomeado. Por sorte. Pedi dinheiro a papai, os amigos o convenceram, e vim pra cá para tentar a imprensa. Na pensão me ouviram cantar (Eu já tinha, aos 23 anos, composto O que é que a Baiana Tem?, O Mar, Noite de Temporal e outras) e me empurraram pro rádio onde Teófilo de Barros Filho me acolheu."

FOLCLORE É CAYMMI — Caymmi, muita gente crê na lenda do seu "aproveitamento do folclore baiano". Eu acho que o folclore baiano é que explora você. É verdade?

SEGUE

CAYMMI

Seu violão está, pela segunda vez, coberto de autógrafos ilustres. Da primeira, um ladrão se deu ao cuidado de raspar do pinho assinaturas de celebridades como Tito Schipa e Jean-Louis Barrault

— Pedro, vou lhe dizer uma coisa que ainda não disse. Você está repetindo o que Vila-Lôbos me falou um dia: "Você, Caymmi, está criando o folclore musical baiano. Suas canções são bonitas demais." E me explicou a minha música. Eu não aproveitei a peça folclórica. Um pregão, um jeito, um grito, um ponto, uma maneira me servem de um ponto de partida ("lê abarááá! Ô acarajé ecô olalali ô..."). Acho que sei captar o grito de alma. "Flor da Noite" é o nome que se dá à pipoca na Bahia. Radamés aproveitou o pregão para uma coisa lindíssima. Eu aproveitei, por exemplo, um assobio de namorados na minha "Canção Antiga" e assim por diante.

AMIGOS — Tenho muitos. Almirante, Jorge Amado, Augusto Rodrigues, meu cunhado Zé, Rui Dias de Oliveira, Mangione. E tem pessoas, uma quantidade, que eu gosto e que elas nem sabem que eu gosto. Pessoas que me faz bem pensar nelas.

NOVAS COMPOSIÇÕES — "Muita coisa eu deixo de lado, esperando até encontrar uma solução bonita. Tenho uma "Maria do Mar" em que anuncio "Maria do Mar, sou eu, ó Maria do Mar. Maria do Mar, acabei de chegar". Pois bem. Ainda não achei as palavras certas para dizer àquela Maria que "você esperou todo esse tempo por mim e eu morri de saudades de você. Olha eu aqui!" Enquanto eu não encontrar a solução bonita não acabo. Tenho a "Juliana". Essa está pronta. Quer ver? É a história de um homem que está sem dinheiro para pagar saveiro que o levará até a sua namorada. Tem que esperar a vazante da maré para ir com jeito, a pé, pra ver Juliana:

"Quando a maré vazar / Vou ver Juliana, eêê... / Vou ver Juliana..."

"Saveirista quer dinheiro / Pra poder me atravessar / Saveirista quer dinheiro / Eu não tenho mais pra dar / Como não tenho dinheiro / O remédio é esperar / Bate-papo-papo-papo / Bate pé-no pé no pé / Caranguejo só é peixe / Na vazante da maré / É melhor esperar sentado / Do que esperar em pé / Pra ver Juliana..."

Caymmi acaba de me cantar a mais bela de suas composições. Percebo, então, que Caymmi não sabe cantar de encomenda. Só de alma pra alma, de amigo pra amigo.

É um desfile de coisas que nasceram "clássicas". Bahia seria menos Bahia sem Caymmi. ("Tratei desses motivos porque nada mais sou do que um homem do cais da Bahia, devoto eu, também de Iemanjá, certo também eu de que estamos todos nós nas suas mãos, rogando-lhe que não envie os ventos da tempestade, que seja de bonança o mar da minha vida.")

"A jangada voltou só." Sem o Chico. ("Agora que não tem Chico que graça que pode tê?")

"No Abaeté tem uma lagoa escura / Arrodeada de areia branca. É doce morrer no mar / Nas ondas verdes do mar." "Meu Senhor dos Navegantes, / Venha me valê!" "Pescador não vá pra pesca / Que é noite de temporá!" "O mar / Quando ouvebra na praia / É bonito... é bonito." "Vamos chamar o vento!" / "Ó canoeiro / Bota a rêde / Bota a rêde no mar / Ó canoeiro bota a rêde no mar..." "Coqueiro de Itapoã / Coqueiro / Saudades de Itapoã / Me deixa." "O bem da terra é aquela que chora / Mas faz que não chora / Quando a gente sai..."

A voz dolente de Caymmi tem todos os temperos baianos. Arde na alma, acalenta sonho, traz saveiro e maresia. Sabe cantar amor como ninguém: "Tôda gente no mundo / Tem amor tem seu bem... / Cada trova que eu canto / Lembra uma mulher..." "Acontece que eu sou baiano; / Acontece que ela não é / Porque é que eu vim de longe / Pra gostar dessa mulher?" "Desculpe Marina, morena / Mas eu tô de mal..."

Mas o baiano está sempre firme anunciando as "trezentas e sessenta e cinco igrejas / Na Bahia tem..." Ou perguntando o seu "Você já foi à Bahia, néga? Não? Então vá". Ou trazendo recado: "Adalgisa mandou dizer / Que a Bahia tá viva ainda lá." Ou sofrendo: "Ai, ai que saudade eu tenho da Bahia / Ai, se eu escutasse o que mamãe dizia..." Ou romântico: "Não fazes favor nenhum / Em gostar de alguém / Nem eu, nem eu, nem eu / Quem inventou o amor / Não fui eu, não fui eu, não fui eu, / Não fui eu nem ninguém. / O amor acontece na vida / Estavas desprevenida / E por acaso eu também / E como o acaso é importante, querida / De nossas vidas, a vida / Fêz um brinquedo também..."

GRANDES MOMENTOS — "Um dia me convidam para cantar para a família imperial em Petrópolis. A condessa de Paris queria me ouvir. Côro de princesas me deu a sensação de conto de fadas. Fiz amizade com D. João, que também pinta. Outro momento gostoso foi o saber que, em Londres, a grande Katharine Dunham apresentava em seu espetáculo "Homenagem a Caymmi".

O QUE É BAHIA? — A esta altura Dorival me explica o que a Bahia representa para ele: — "Bahia é, pra mim, o lugar onde se enterrou o umbigo. É sempre uma mãe. O cheiro, o chão, a maneira com que eu pisei aquelas pedras arredondadas. Eu me sinto muito bem colocado quando estou naquele chão, respirando aquele ar, o vento empurrando as nuvens pro lado que a gente quer, aquelas vozes que eu reconheço. Bahia me põe tranqüilo, de uma tranqüilidade tal, que eu digo que finalmente há uma razão para se nascer em algum lugar. Bahia pra mim é a gravidade. Por mais que eu salte em outro chão, meus pés tocam a Bahia."

O VIOLÃO AUTOGRAFADO — O violão que Caymmi segura tem dezenas de assinaturas. Ele explica: — "Este violão tem duas caras. Uma ele perdeu. Um dia amigos meus quiseram me oferecer um violão, na Tupi. Chateaubriand soube e quis que a empresa oferecesse. Fêz o coquetel, daquele jeito que só Chateaubriand sabe, e deitou um discurso lindo sobre o violão. Todos assinaram. De Portinari a Jean Louis Barrault. De Silvio Caldas a Tito Schipa. Mas um dia roubaram o meu violão no carro do Antônio Maria. Pois bem. O violão reapareceu (Almirante soube onde fôra parar), mas com as assinaturas raspadas. Com nova cara foi autografado de novo, iniciativa de Nicolás Guillén, o grande poeta. Já está transbordando de assinaturas outra vez. Esta é a segunda cara do violão. Por isso é que eu digo que este violão tem duas caras."

ARI BARROSO E BOSSA NOVA — De repente começamos a conversar sobre Ari Barroso. Somos dois fanáticos. Eu mostro a importância fabulosa do grande compositor. Dá a impressão de um côro em que dizemos: "Não fazes favor nenhum em gostar do Ari." E Dorival ecoa: "Neu eu, nem eu, nem eu..."

— "Ari — faz Caymmi — é o grande mestre. Não sei elogiar falando em maior, melhor. Ele é... o Ari. O que transmite ao povo aquela alegria de viver, aquele otimismo sonoro, aquela vibração que só Ari sabe ter. Ari Barroso... ser pátrio de um Ari Barroso... é um privilégio."

— Bossa nova? Compreendo-a e gosto dela. Quando a minha geração começou a fazer música, fazia questão de combater a música estrangeira, de dar fisionomia própria à nossa música. A bossa nova tem duas caras: a influência recebida por uma geração que nasceu sob ritmos, invadindo o cinema, o disco, o espetáculo, tudo, mas conservando a malícia, o sentimentalismo doce, a ironia leve, tão brasileiros. Eles ainda estão presos, mas respeito-lhes a grande importância. Ficaram agarrados à fórmula, mas estão-se libertando para cair naquela forma graciosa tão nossa."

FÉ NO BRASIL — "Acredito tanto no Brasil que já estou começando a lamentar o fato de não poder ver, não poder alcançar certas coisas. Sou muito baiano e, por isso, muito brasileiro. Não é só na Bahia que o Brasil é Brasil. O Brasil se manifesta em todos os cantos desta terra prodigiosa, com uma pujança, um vigor e uma vibração que se refletem em tôdas as coisas."

Recordo Jorge Amado outra vez. É irmão siamês de Dorival:

— "Ainda há poucos dias eu ouvia uma das canções de Caymmi: "João Valentão", retrato de um negro baiano. E retrato de corpo inteiro. Enquanto Caymmi cantava, eu via não o negro João Valentão, mas muitos outros negros baianos que conheci na beira do cais, na feira de Água dos Meninos, no Largo das Sete Portas, no Mercado do Ouro. Recordei-me — perdoai-me a vaidade! — do negro Antônio Balduino, que criei nas páginas do "Jubiabá".

"É o cantor da Bahia e de seu povo. É essa terra e essa gente que ele leva no coração. Quando ele canta "Acontece que eu Sou Baiano", sinto que, em verdade... acontece que ele é a Bahia".

Acontece que ele é o Brasil.

ALOYSIO DE OLIVEIRA: O DISCO QUE
VOCÊ MERECE



ELENCO

ANTÔNIO CARLOS JOBIM
BADEN POWELL
BIBI FERREIRA
CARLOS LYRA
DORIVAL CAYMMI
LENNIE DALE
LÚCIO ALVES
MÁRIO REIS
MAYSA
NARA LEÃO
ODETTE LARA
ROBERTO MENESCAL
SERGIO RICARDO
SYLVIA TELLES
TEREZA DE SOUZA CAMPOS
VINICIUS DE MORAIS
CHRIS CONNOR